Correio da AESE
PANORAMA
19.mai.2021
N.778
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

A pandemia afunda a natalidade 1
O casamento impacta favoravelmente na saúde 2
"¿Ya es mañana?" 3
"La neoinquisición" 4

A pandemia afunda a natalidade

A crise da covid-19 está a fazer com que nasçam muito menos bebés, segundo as primeiras estimativas de vários países. A descida é a maior desde o final do *baby boom* ou mesmo antes. A incógnita é até que ponto a natalidade recuperará quando passar a pandemia.

Os números provisórios des nascimentos em dezembro de 2020 são os primeiros que refletem a repercussão do coronavírus. Os países que os publicaram, registam uma brusca queda. A tabela publicada em "Aceprensa" mostra alguns exemplos:

Variación en el número mensual de nacimientos con respecto al mismo mes del año anterior

	enero-octubre 2020 (media)	diciembre 2020
Hungría	+4,9%	–7,8%
Francia	–1,7%	–7,0%
Japón	–2,3%	–9,3%
Italia	–3,3%	–21,6%
España	–4,2% *	–22,6% **

* enero-junio
** diciembre 2020+enero 2021

Fuentes: Ministerio de Sanidad de Japón; para los demás países, organismos estadísticos nacionales.

Observa-se que a Hungria, um dos poucos países desenvolvidos onde estava a subir a natalidade, sofreu uma repentina mudança de sinal. A vigorosa política de ajudas, incluindo o financiamento público da reprodução assistida, foi anulada pela pandemia.

Também a França tem uma generosa política familiar, e a sua natalidade era mais alta do que na maioria dos países europeus. A forte queda em dezembro de 2020, –7 %, quase duplicou em janeiro seguinte, até –13,5 %, segundo os números publicados pelo organismo estatístico francês. Não se conhecia uma descida semelhante desde 1975. E janeiro é apenas o primeiro mês em que todos os bebés nascidos foram concebidos com a pandemia já declarada.

Com muito menos ajudas à família, e natalidade já muito baixa desde bastante antes da pandemia, a Itália e a Espanha registam as maiores descidas. Em Espanha, os nascimentos em 2019 foram o número anual mais baixo desde o início da série estatística, em 1941. Os dados provisórios do primeiro semestre de 2020 são ainda piores, e já existem poucas dúvidas de que em 2021 haverá um novo mínimo. O mesmo acontece em Itália, onde no ano de 2019 houve 200 000 mais mortes do que nascimentos.

Também noutros países da Europa, como a Áustria ou a Bélgica, observam-se descidas da natalidade, embora menos acentuadas. Nos EUA, dados de 29 estados mostram 7,3 % menos nascimentos em dezembro último comparativamente ao mesmo mês de 2019.

É normal que uma crise provoque uma descida da natalidade. A dúvida é se haverá uma recuperação quando a crise atual

passar. Em grande parte, depende de quanto dure: quanto mais longa for, menos provável é que se recupere o nível anterior de nascimentos.

O que trava a natalidade é principalmente a incerteza das pessoas. Um inquérito da organização italiana Osservatorio Giovani em cinco países europeus (Alemanha, Espanha, França, Itália e Reino Unido) constatou que mais de dois terços dos casais que haviam planeado ter um filho em 2020, quando começou a pandemia decidiram adiá-lo. Outra sondagem anterior, do Guttmacher Institute nos EUA, mostra que já em abril e maio do ano passado, um terço das mulheres em idade fértil queriam adiar a maternidade.

Mesmo que a emergência sanitária terminasse este ano graças às vacinas, a insegurança económica pode vir a ter efeitos mais duradouros. Também a recessão económica provocada pela crise financeira de 2008 fez baixar a natalidade, e quando surgiu a pandemia, muitos países não tinham regressado aos níveis anteriores, que tão-pouco eram elevados. Por exemplo, entre 2008 e 2018, a taxa de fecundidade nos EUA baixou de 2,07 filhos por mulher para 1,73, baixando em França, de 2,01 para 1,88, enquanto a Espanha, que em 2008 havia subido para 1,45 desde o seu mínimo histórico de 1,13 en 1998, começou a pandemia com uma taxa de 1,23.

Assim, o problema para a generalidade dos países desenvolvidos é que chove sobre o molhado, o que torna mais difícil a recuperação posterior. A pandemia pode significar uma queda de nascimentos breve numa população jovem, mas o adiamento do nascimento dos filhos acaba facilmente por ser definitivo quando já vinha sendo adiado e as pessoas em idade de procriar são cada vez menos. Em Espanha, a média etária das mães que deram à luz no ano de 2019 foi de 32,25 anos, e a daquelas que o fizeram pela primeira vez, de 31,1 anos: 14 e 18 meses mais, respetivamente, do que em 2009. Um adiamento de um ou dois anos devido à pandemia reduz consideravelmente a probabilidade de que venha mais tarde outro filho.

O casamento impacta favoravelmente na saúde

O casamento está associado, em geral, a uma melhor saúde dos cônjuges, pois de algum modo afasta-os da possibilidade de adotarem hábitos prejudiciais. Um é o de permanecer horas e horas diante da televisão. Na *web* do Institute of Family Studies, Peyton W. Roth e Bradford Wilcox refletem sobre o tema com dados da American Time Use Survey, uma sondagem concebida para detetar como utilizam o seu tempo os norte-americanos.

Constatam que "os adultos separados e os que nunca se casaram, passam mais tempo do que os casados em frente ao ecrã da TV. Esta diferença é particularmente assinalada entre os homens: os divorciados, os separados e os que nunca casaram veem, em média, 3,1 horas de TV por dia, enquanto que os casados lhe dedicam somente 2,3 horas". Com as mulheres repete-se o esquema, mas a incidência é menor: as casadas passam 1,9 horas diárias diante da televisão, contra 2,4 das que não têm parceiro.

Tenham os consultados educação superior ou não, e independentemente também do grupo étnico, a tendência é invariável. O estado civil pesa bastante mais do que qualquer outro aspeto no consumo televisivo. Por exemplo, os casados sem estudos superiores veem 2,4 horas diárias, contra as 3,1 horas vistas pelos divorciados. E entre os que passaram pela universidade, igual panorama: os casados, 1,8 horas; os divorciados, 2,2 horas.

Poderia acontecer que a diferença se devesse não ao casamento, mas à união de facto, pois a mesma vida em comum, tenha havido casamento ou não, implica mais responsabilidades domésticas. No entanto, também os membros de uniões de facto passam mais tempo diante do televisor: as mulheres, 2,3 horas diárias – quase tanto como as que não têm parceiro –, e os homens, 2,8 horas, meia hora mais que os casados.

Wilcox e Roth sublinham a ligação entre o consumo excessivo de TV e a sensação de infelicidade e mal-estar psicológico de quem segue este padrão. Salientam, além disso, que várias investigações estabelecem uma relação entre este hábito e uma saúde pior, algo a que, explicam, escapam os casados, "que têm mais probabilidades de assumir responsabilidades no lar e que se envolvem em atividades mais orientadas para a família".

Acrescentam: "O casamento proporciona uma estrutura e um propósito, e muitas vezes preenche os dias das pessoas com atividades gratificantes, seja levar o filho a jogar futebol, partilhar uma refeição com a família ou participar em atos de culto com o cônjuge. Aqueles que passaram por um casamento frustrado, ou que nunca casaram, tendem a passar mais horas em frente do ecrã do televisor, e isso provavelmente repercute de modo relevante na sua felicidade e satisfação".

Outros estudos exploram a relação entre saúde e casamento para o caso específico dos homens. Concretamente, um publicado na revista "Psychological Medicine" observa que os homens casados consomem em média menos álcool, canábis e tabaco. A equipa que fez a investigação, liderada pela Dra. Jessica Salvatore, da Virginia Commonwealth University, tomou como amostra 890 casais de gêmeos – 1790 homens no total – e examinou os seus dados de saúde recolhidos durante um longo período.

De acordo com a análise, o casamento aparece associado a uma redução substancial do consumo de drogas. A diminuição começa mesmo antes do casamento. A comparação entre

gémeos afasta a explicação alternativa de que os efeitos, no caso dos unidos pelo casamento, derivam de um misto de fatores individuais e familiares.

O que parece sim revelar, é que a perspetiva de que se vai começar uma etapa nova, de vida partilhada, estaria a incitar a abstenção do consumo de drogas. "As expectativas sociais de que um 'bom' esposo não bebe ou fuma excessivamente, pressiona os homens a reduzir o uso de substâncias psicoativas", disse Salvatore à "Aceprensa".

Será que funciona igualmente com as uniões de facto? "O casamento implica um maior grau de compromisso do que a união de facto, e é um estatuto legal e social reconhecido. Isso torna-o mais protetor contra o uso de substâncias do que a união de facto", refere, e acrescenta que esse efeito dissuasório também se relaciona com o facto de ter tido filhos, embora esse fator não apareça nesta investigação, mas sim noutra efetuada por ela.

A tese de que o casamento tem uma incidência positiva na saúde do homem é também o tema de um amplo artigo publicado na *web* da Escola de Medicina de Harvard, onde se pergunta se, em vez do casamento favorecer a saúde, não será o facto dos homens saudáveis serem aqueles que mais se casam.

Salienta o articulista que "as investigações mostram que é o contrário, pois os não saudáveis casam mais cedo, e têm igualmente menos probabilidades de se divorciarem. Além disso, uma vez divorciados ou depois de enviuvarem, tendem mais que os saudáveis a voltar a casar".

Independentemente de se primeiro foi o ovo ou a galinha, as estatísticas apoiam a tese do casamento como garantia de maior saúde. Na primeira década do século XXI, uma sondagem dos CDC a 127 545 adultos norte-americanos revelou que os casados sofriam menos doenças, do tipo enxaquecas e *stress* psicológico severo; tinham menos limitações físicas ou psicológicas para trabalhar, e fumavam e bebiam menos. Interessante ainda de referir é que os participantes em uniões de facto tinham, à semelhança daqueles que passaram pelo divórcio, uma maior tendência para vir a sofrer com problemas de saúde.

Em última análise, ao traduzir-se em mais anos e em maior qualidade de vida, o por vezes tão insultado ato de "assinar um papel" tem maior alcance do que o que aparenta o simples trâmite.

L. L.

"¿Ya es mañana?"

"Is It Tomorrow, Yet?"

Autor: Ivan Krastev
Debate. Barcelona (2020)
112 págs.

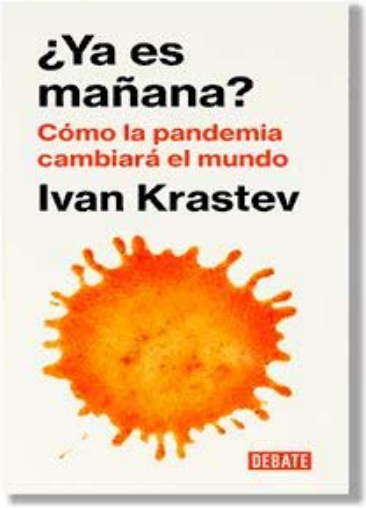
O politólogo e investigador do Instituto de Ciências Humanas de Viena, Ivan Krastev, coautor de "The Light that Failed" ("Aceprensa", 11.1.2020) publica as suas reflexões amadurecidas em tempo de confinamento, depois de se ter transferido do seu local habitual de residência, na capital austríaca, para a sua Bulgária natal. Propõe, assim, uma série de análises sobre o mundo, a Europa, a política, a economia e a sociedade.

As pandemias, tal como sucedeu com a gripe espanhola, não deixam uma marca tão profunda na sociedade como as guerras. Tudo nelas tem muito de difuso e incerto, tanto nas notícias como nos números reais de doentes e falecidos, mas os efeitos desta última estão aí e vieram para ficar. Daí o título do livro. O autor parece dar a entender que o ser humano tende a ser imobilista, e está convencido de que quando o vírus for derrotado, outra pandemia, a da nostalgia, irá afetar o mundo.

Krastev reconhece que, em março do ano passado, no princípio do confinamento, se sentia capaz de prever o regresso do Estado, o aumento do nacionalismo, a queda da liderança dos EUA ou a crise dos alicerces do projeto de integração europeia. Contudo, questionou as afirmações de que a China fosse sair mais fortalecida da crise. Pelo contrário, a pandemia provocou a maior queda do PIB chinês em mais de meio século, além de questionar a sua diplomacia de *soft power*. Tão-pouco serviu para mostrar que os autoritarismos gerem melhor as crises que as democracias, e estas não hesitaram em declarar medidas de emergência. Na realidade, não se pode dizer que Bolsonaro ou Putin tenham saído mais reforçados da situação.

As conclusões finais do autor são marcadas, como ele mesmo assegura, pelos paradoxos. Por um lado, a pandemia sublinhou as deficiências da globalização, mas ao mesmo tempo mostrou-se como um dos seus principais agentes, pois todos sentimos a pertença a um mundo comum. Por outro lado, apesar do que se disse, a crise tornará mais necessária a cooperação internacional, visto que nenhum país, por si mesmo, poderá recuperar do desastre económico. Isto poderia ter a consequência, forçada pela necessidade, de favorecer uma maior coesão do projeto europeu, ameaçado pela irrelevância. Repentinamente, a Europa parece ter aprendido duas lições: não se pode depender do exterior no âmbito sanitário e não se devem confiar as tecnologias do futuro, como o 5G, a um país como a China.

A. R. R.



"La neoinquisición"

Autor: Axel Kaiser
Deusto. Barcelona (2020)
392 págs.

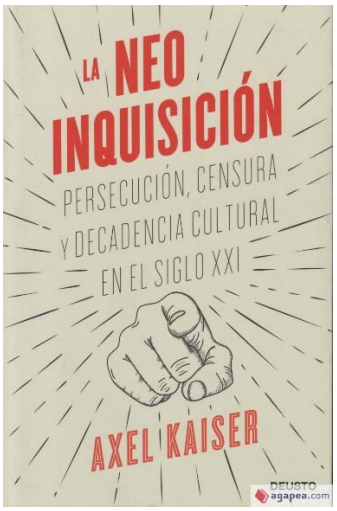
Com a consciência de representar uma nova ortodoxia e de fazer justiça a minorias oprimidas, a ideologia do "politicamente correto" tenta impor um novo quadro intelectual e linguístico nos debates públicos dos EUA e grande parte da Europa. Mas seria mais exato dizer que o procurado é não haver debate, justificando o atropelo à liberdade de expressão.

Este clima provocou já uma reação por parte de intelectuais de diversas ideias, que denunciam estas práticas de intimidação e advogam a livre discussão sem restrições. A este tipo de reações responde o livro do advogado chileno Axel Kaiser, escritor e analista político de cariz liberal. Kaiser tem uma caneta combativa, e não se tem deixado vencer pelo receio de ser apontado com o dedo acusador do dominante politicamente correto.

A primeira parte do livro situa o quadro intelectual do que designa por "era da emoção", em que o importante não é a busca da verdade, mas evitar tudo o que possa ofender as sensibilidades de grupos que se definem como vítimas e que se consideram com direito a silenciar as opiniões dissidentes. Este caldo de cultura da *vitimologia* está especialmente presente nas universidades norte-americanas, com a sua procura de "espaços seguros", denúncias de "micro agressões" e outras práticas que se utilizam para que o oponente não se possa expressar. Este ambiente vê-se reforçado pelas políticas identitárias, que Kaiser também critica, fazendo remontar a sua origem às ideias de Michel Foucault e Jacques Derrida.

Estas práticas intolerantes levaram a uma decadência cultural no Ocidente, que o autor analisa na segunda parte. A arrogância moral da nova ortodoxia não vacila em censurar livros politicamente incorretos de épocas passadas, em desqualificar por "apropriação cultural" o autor que se atreve a escrever sobre uma minoria à qual não pertence, em indignar-se perante o humorista que faz piadas sobre algum ícone intocável, ou em perseguir o intelectual que não assume as reivindicações de algum grupo antes marginalizado. Dar prioridade ao que é diverso converte-se num objetivo acima de outros critérios objetivos, o que pode dar lugar a situações tão curiosas como a de haver no seio da Sociedade Astronómica dos Estados Unidos, um "Comité para a Orientação Sexual e as Minorias de Género na Astronomia".

Na terceira parte do livro, Kaiser entra mais a fundo no que qualifica de "dogmas da nova doutrina". Critica a tese de que o género seja uma pura construção social, sem que a biologia tenha influência nas orientações e desejos de homens e mulheres. Faz uma boa análise dos diversos fatores que intervêm no chamado fosso salarial, que não se podem reduzir à simples discriminação da mulher. Desmonta o estereótipo do homem opressor, que ainda hoje continuaria a dominar a mulher no quadro de um sistema patriarcal. Matiza os efeitos positivos e negativos da imigração, sem se inclinar perante um multiculturalismo acrítico. E até se atreve a discutir que os impérios ocidentais tenham sido apenas formas de exploração que mergulharam na miséria os países onde se implantaram.

Kaiser analisa as práticas intolerantes do politicamente correto, descritas através de numerosos casos nos títulos jornalísticos. Ao mesmo tempo, pratica a discussão intelectual que defende, avançando argumentos e dados. Por vezes, ao fazer comparações com atitudes inquisitoriais do passado, sucumbe a alguns estereótipos históricos. Mas são defeitos ocasionais. Revela argumentação combativa e documentada a favor da liberdade de expressão em face do espartilho do politicamente correto.

I. A.